



## O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DE HÉLIO OITICICA EM DEBATE: OS BÓLIDES E OS PARANGOLÉS

**Carla Hermann**

UERJ (MESTRANDA)

Hélio Oiticica desenvolveu sua série de bólides (1963-67) quase que simultaneamente aos seus parangolés (1964-68), sendo os últimos muito mais lembrados pela crítica especializada e pelo público em geral. À primeira vista podemos pensar que a natureza de cada série é a responsável por seu maior ou menor grau de reconhecimento. Entretanto, quando analisamos a historiografia da arte brasileira dos anos 1960 em diante, percebemos que determinados recortes temporais, leituras cronológicas e escolhas curatoriais são responsáveis pela ênfase maior em uma produção e não na outra.

Tanto a celebração do caráter emancipatório da arte brasileira produzida nos anos 1960 por parte da crítica internacional na última década do século passado quanto a assimilação desta idéia pela própria crítica brasileira acabaram por eleger Hélio Oiticica e Lygia Clark como artistas representativos e “anunciadores” da questão pós-moderna, fazendo da participação seu estandarte legitimador. Um exemplo bastante emblemático desta movimentação foi a escolha de Nelson Aguilar, curador da XXII Bienal de São Paulo, que nomeou Oiticica, Lygia Clark e Mira Schendel para ocupar as Salas Especiais da mostra de 1994, destacando o caráter contemporâneo que suas obras teriam frente à produção da sua época. No caso específico de Oiticica, ao vê-lo como inaugurador do contemporâneo na arte, procurou-se identificar



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

dentro do conjunto da sua produção instantes nos quais ocorreria essa passagem. Com isso os bólides ficaram marcados como a etapa de transição que levaria à arte ambiental, fazendo se perder a conexão com as obras anteriores a eles e os ofuscando à luz dos parangolés.

Há ainda que se somar o posicionamento em relação a Oiticica que tende a vê-lo enquanto um artista de natureza vibrante, solto, liberativo e dionisíaco. Esta visão toma uma parte da sua produção como representativa do todo e privilegia os parangolés e, em menor escala, os penetráveis. Questionamos esta tendência de apreciação do artista dionisíaco, por perceber na forma de Oiticica contingência e ordenação, além de considerar as tentativas do artista em estabelecer uma linearidade explicativa sobre elas, atitude que contradiz a imagem geral de artista “livre”. Ademais, tal tendência tem suas raízes na mesma ênfase no caráter participativo como antecipador das tendências da arte contemporânea, e se tornou a noção vigente mesmo em termos culturais, sendo também responsável pela valorização dos parangolés e não dos bólides.

**Hélio Oiticica, Bólides, Parangolés.**